

METAS E EXPECTATIVAS PARENTAIS EM CONTEXTOS URBANO E RIBEIRINHO DA AMAZÔNIA

Viviam Rafaela Barbosa Pinheiro Freire¹

Simone Souza da Costa Silva

Universidade Federal do Pará, Brazil

Maria Lúcia Seidl de Moura

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brazil

Fernando Augusto Ramos Pontes

Maria Elizabeth Costa Araújo

Universidade Federal do Pará, Brazil

Resumo

Esta pesquisa objetivou investigar as metas de socialização de familiares beneficiários do Programa Bolsa Família e as expectativas em relação à escola para o futuro dos filhos e filhas. Participaram deste estudo 38 famílias, dos quais 22 residiam na periferia urbana/BR e 16 habitavam em uma comunidade ribeirinha da Amazônia/BR. Os instrumentos utilizados foram o Inventário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada contendo duas questões: “Como você imagina a vida dos seus filhos daqui a 10 anos?” e “Por que você quer que seus filhos frequentem a escola?”. Como principais resultados verificou-se que os pais e mães de ambos os contextos têm como metas àquelas relacionadas ao autoaperfeiçoamento, que valoriza a independência e a autonomia. Por sua vez, as expectativas acerca da escola evidenciaram um desejo de que tal instituição possa favorecer condições para uma vida profissional de sucesso, com o exercício de profissões de elevado status social.

Palavras-chave: desenvolvimento, família, metas

Parental goals and expectations in urban and riverside context in the Amazon

Abstract

This study aimed to investigate the socialization goals of parents who participate in Family Grant Program and their expectations regarding the school for the future of kids. The study included 38 families: 22 lived in the urban periphery/BRA and 16 lived in a riverside community in the Amazon/BRA. The instruments used were the Sociodemographic Inventory and a semistructured interview including two questions: "How do you imagine the lives of your children 10 years from now?" And "Why do you want your children attend classes in the school?" The main results showed that the parents of both contexts have targets related to self-improvement that values independence and autonomy. In turn, expectations about the school showed a desire that this institution can offer conditions for a successful professional life, including professions of high social status

Keywords: development, family, goals

¹ Correspondence about this article should be addressed to viviamrafaela@hotmail.com. Agradecimento ao CNPQ pelo apoio financeiro que viabilizou esta pesquisa.

Esta pesquisa objetivou investigar as metas de socialização de familiares beneficiários do Programa Bolsa Família e as expectativas em relação à escola para o futuro dos filhos e filhas. Trata-se de uma discussão acerca das perspectivas de famílias em situação de pobreza, ou extrema pobreza, que residem nos contextos urbano e ribeirinho da Amazônia, em relação à trajetória de vida de suas crianças.

Estudos em desenvolvimento têm elucidado a importância das cognições parentais para o entendimento da qualidade do cuidado e suas influências para o desenvolvimento (Moinhos, Lordelo & Seidl-de-Moura, 2007; Ribas Jr., Seidl-de-Moura, & Bornstein, 2007). Tais cognições incluem as metas de socialização dos cuidadores, que consistem nas perspectivas dos pais e mães a respeito do desenvolvimento de suas crianças, servindo tanto como um veículo pelo qual os familiares traduzem seus valores globais em ações específicas, como também mecanismos que sustentam essas ações (Moinhos et al., 2007).

As metas parentais variam de acordo com os contextos culturais da população estudada e permitem conhecer características do modelo cultural ao qual pertencem. No modelo independente, característico de sociedades urbanas pós-industriais, são priorizadas metas pessoais, com relacionamentos construídos e mantidos a partir de uma escolha individual. No modelo interdependente, comum em sociedades rurais tradicionais, são valorizadas metas grupais, com relações mantidas a partir de regras e obrigações (Keller, Borke, Yovsi, Lohaus, & Jensen, 2005). Outro modelo, denominado autônomo-relacional (Kagitcibasi, 2007), caracteriza sociedades em transição entre o coletivismo e o individualismo, como as que vivem na China e Índia. Neste caso, as metas de socialização são autônomas, embora privilegiem relacionamentos interpessoais próximos (Kagitcibasi, 2007).

Estes três modelos podem variar de diversas formas e graus entre as culturas, podendo, inclusive, coexistirem em um mesmo contexto cultural. Isto ocorre, por exemplo, no Brasil, país cuja extensão favorece o estabelecimento de modos de vida muito distintos entre si. Daí a relevância de estudos interculturais brasileiros, que abrangem diferentes regiões, origens étnicas, desenvolvimento econômico, localidade residencial, dentre outros (Seidl-de-Moura et al., 2008; Vieira et al., 2010).

Ao investigar as metas de socialização de mães residentes em cinco regiões do Brasil, Seidl de Moura et al. (2008) verificaram igual valorização das dimensões de autoaperfeiçoamento (característico do modelo independente) e o bom comportamento (característico do modelo interdependente) nas regiões Norte e Nordeste, enquanto que houve maior ênfase para o bom

comportamento no Sul e para o autoaperfeiçoamento no Sudeste. Também verificaram que, mesmo residindo em contexto urbano, as mães de cidades maiores valorizavam mais as metas de autonomia, quando comparadas com genitoras que residiam em cidades menores.

Com uma pesquisa conduzida com mães de contextos urbano e não urbano da Região Metropolitana de Belém/BR, Silva (2008) identificou com maior frequência a presença de metas de autoaperfeiçoamento para ambos. Nestes dados, surpreende o fato das mães do contexto não urbano valorizarem mais as metas de autoaperfeiçoamento, uma vez que há evidências da predominância do modelo interdependente em estudos de contextos rurais brasileiros, como o de Ruela (2006) com um grupo de mulheres de uma comunidade rural do Rio de Janeiro e o de Kobarg e Vieira (2008) em uma comunidade do interior de Santa Catarina.

Outro estudo foi realizado por Moinhos, Lordelo e Seidl-de-Moura (2007) com mães da cidade de Salvador. Seus resultados apontam que existem metas similares entre participantes de diferentes níveis socioeconômicos, apresentando como dimensões mais frequentes as expectativas sociais (característico do modelo interdependente), autoaperfeiçoamento e bom comportamento. Estes dados indicaram haver um ambiente cultural em que as mães compartilham valores e crenças em relação ao que elas desejam para seus filhos.

As expectativas criadas acerca do desenvolvimento, por sua vez, influenciam a forma como pais e filhos conduzem suas práticas. Assim, dependendo da natureza das perspectivas, haverá familiares que colaboram mais ou menos para a trajetória de suas crianças, já que o comportamento parental é fundamentado em ideias e crenças organizadas (Kobarg, Sachetti, & Vieira, 2006). Por outro lado, maiores níveis de expectativas parentais estão ligados, em especial, ao bom desempenho acadêmico dos filhos, que tendem a tornarem-se estudantes mais motivados e resilientes, quando comparados com alunos cujos pais e mães apresentam baixos níveis de perspectiva (Mújica, Villalobos, & Cabrera, 2009; Pearce, 2006).

Dentre as crenças e desejos parentais em relação ao futuro dos filhos, as de ordem educacional e profissional exercem um importante papel, uma vez que educação e trabalho são elementos considerados essenciais para a vida. Para Ferreira Salles (1998), a educação ainda se apresenta como esperança para realização de projetos e perspectivas, sendo tratada como uma forma de garantia de futuro promissor e status social. Da mesma forma, Paredes e Pecora (2004), em sua pesquisa acerca das perspectivas de futuro, referem que o estudo liga-se com a possibilidade de ter qualidade de vida, mediada pelo exercício de

uma profissão. Portanto, a vida profissional e acadêmica é componente de autorrealização futura, representando também uma forma de ascensão e inclusão social, aliados na construção de projetos de vida (Nascimento, 2002; Santos, 2002).

Além do estudo e trabalho, os aspectos emocionais também integram as expectativas parentais, como a felicidade dos filhos. De acordo com Paredes e Pecora (2004), uma vida feliz está entre os principais elementos desejados, ao lado do estudo, saúde, profissão e emprego (Piccinini, Ferrari, Levandowski, Nardi, & Lopes, 2003). Diante da presença de tais expectativas, as crianças têm suas motivações e crenças de competência aumentadas, o que, conseqüentemente, influenciam nas suas trajetórias acadêmicas (Yamamoto & Holloway, 2010).

Diante das expectativas de um futuro favorável ao desenvolvimento dos filhos, muitos familiares são confrontados com alguns dados das reais condições vividas por jovens no início deste século. É o caso, por exemplo, daqueles investigados por Raitz e Petters (2008), cujo trabalho informal e o subemprego de baixa remuneração resultam na falta de oportunidade de ingresso no mercado de trabalho. Há, também, a presença da violência social; por esta razão, os pais do estudo de Bornholdt, Wagner e Staudt (2007) temeram, por exemplo, um futuro envolvimento dos filhos com o mundo das drogas.

A situação de jovens de famílias pobres é ainda mais preocupante, uma vez que diversos fatores de risco ameaçam seus desenvolvimentos. Esta ideia se baseia no fato da pobreza marcar as pessoas e suas relações, sendo considerada uma característica contextual dos indivíduos (Bronfenbrenner, 1996). Nesses termos, compreender as condições contextuais em que famílias se desenvolvem passa necessariamente pelo conhecimento das demandas e condições que podem influenciar as expectativas parentais e o futuro dos que vivem em condições de pobreza.

No caso de ambientes urbanizados, há o fenômeno de violência envolvendo crianças e adolescentes, que pode estar ligado ao tráfico de entorpecentes e, também, ao crime organizado. Nesse cenário, há uma vulnerabilidade ao trabalho com o tráfico, uso abusivo ou vitimização (Aznar-Farias & Oliveira-Monteiro, 2006). Ainda de acordo com as mesmas autoras, tais ameaças referentes ao desenvolvimento associam-se aos perigos da exclusão, da desqualificação social, da criminalidade e da morte, já que as taxas de mortalidade de jovens do sexo masculino e os índices de mães adolescentes são maiores nas populações pobres de periferias.

Os contextos de risco que ameaçam o desenvolvimento e o futuro de crianças e adolescentes, porém, não se restringem aos grandes contextos urbanos, mas se expandem por outros

ambientes, como é o caso dos ribeirinhos da Amazônia. Apesar da abundância e diversidade de fauna, flora, etnias e culturas encontradas na Amazônia, estes habitantes têm poucas oportunidades sociais de desenvolvimento devido a diversas dificuldades, como falta de saneamento básico, de energia elétrica, água potável, restrições de saúde e educação. Além disso, tais povos são muitas vezes esquecidos como cidadãos, tendo, por exemplo, seus direitos ignorados por parte das autoridades (Fraxe, Witkoski, & Miguez, 2009; Meirelles Filho, 2004; Silva, 2006).

Embora, tradicionalmente, o termo ribeirinho seja utilizado para designar o indivíduo que vive e subsiste fundamentalmente do rio, com características indígenas e rurais, na atualidade verifica-se que ribeirinhos praticam uma gama de atividades econômicas, moram em ambientes rurais e urbanos, desempenhando um importante papel no desenvolvimento da região (Cleary, 1993; Nugent, 1993; Parker, 1985). Esta expansão social dos povos ribeirinhos resultou de diversos aspectos, em particular, das necessidades de suprir condições que garantam a sobrevivência, como o trabalho, o acesso à saúde e à educação.

Frente às dificuldades, principalmente as que ameaçam a sobrevivência, muitas famílias ribeirinhas decidem migrar para um ambiente urbanizado, onde acreditam haver melhores condições de subsistência e, conseqüentemente, maiores oportunidades para o futuro dos filhos (Martins 2004/2005; Rebouças, 2001). Porém, nem sempre é o que ocorre, pois ao chegarem aos grandes centros, tais famílias, desqualificadas profissionalmente, são levadas a práticas profissionais pouco rendosas e ofícios marginais, o que aumenta o contingente dos que não conseguem acesso aos recursos materiais e simbólicos que necessitam (Silva, 2006).

Em meio à situação de pobreza que marca diversas famílias no Brasil, uma estratégia do Governo propôs-se a investir em tais grupos, visando uma possível emancipação, especialmente, das novas gerações. Trata-se do Programa Bolsa Família (PBF), cujos objetivos visam: combater a pobreza e outras formas de privação das famílias; promover o acesso à rede de serviços públicos, em especial, saúde, educação, segurança alimentar e assistência social; e criar possibilidades de emancipação sustentada dos grupos familiares (Caixa Econômica Federal, 2011). Para tal, a estrutura do programa é fundamentada, especialmente, em dois eixos: transferência de renda e condicionalidades que são compromissos assumidos tanto pelos beneficiários do PBF, quanto pelo poder público, para ampliar o acesso dessas famílias aos seus direitos sociais básicos.

Ações em saúde, educação e assistência social estão envolvidas nas condicionalidades. Dentre estas, o compromisso com a educação é,

fundamentalmente, o que poderá repercutir em quebra do ciclo transgeracional da pobreza. De acordo com esta contrapartida, crianças e adolescentes devem estar matriculados em instituições regulares de ensino, com bons níveis de frequência escolar mensal mínima. Ao investir no capital humano, o programa pode estar favorecendo a criação e/ou aumento dos níveis de expectativas parentais. A presença destas, por sua vez, influencia nas práticas estabelecidas, uma vez que, com bons níveis de perspectivas, haverá pais e mães que colaboram mais para o investimento nos filhos, por exemplo, cumprindo com as condicionalidades do PBF.

Considerando que o programa beneficia famílias pobres de diferentes contextos no Brasil e que as predições parentais exercem mais influência do que o ambiente escolar ou amizades (Giacomoni & Hutz, 2008), pouco se sabe acerca das expectativas de pais beneficiários a respeito do desenvolvimento dos seus filhos, principalmente, em grupos familiares que vivem na periferia de cidades e, também, às margens dos rios da Amazônia. Em função deste aspecto, esta pesquisa busca contribuir para a literatura da área, focalizando as metas de socialização e as expectativas em relação à escola apresentadas por famílias assistidas pelo PBF, residentes em diferentes contextos: urbano e ribeirinho. Conhecer suas perspectivas irá permitir o entendimento das crenças, valores e anseios parentais, em particular, frente à condição de pobreza vivida e o incentivo do programa, além de elucidar a expectativas acerca da escola e o futuro dos filhos.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 38 famílias beneficiárias do PBF. Dentre estas, 16 habitavam em uma comunidade ribeirinha, onde a média do número de filhos era de 2,63 (DP 1,26) e a idade média de tais crianças era 7,22 anos (DP 4,04). Por outro lado, 22 grupos familiares residiam na periferia urbana, obtendo, em média, 2,14 filhos (DP 0,77), com idade média de 8,46 anos (DP 4,00).

A escolha dos participantes se deu por conveniência, de acordo com a acessibilidade das escolas de ambos os contextos, favorecidos pela parceria firmada com as coordenadorias das instâncias educativas e Secretaria Municipal de Ensino. Por considerações éticas, os nomes mencionados serão fictícios e os contextos serão identificados por Ribeirinho (rib.) e urbano (urb.).

Ambiente

A comunidade ribeirinha investigada localiza-se na Ilha do Combu/BR, que pertence à cidade de Belém-PA. Trata-se de uma área de proteção ambiental, caracterizada pelo peculiar estuário amazônico com fauna e flora diversificadas, típicas da região. As residências e a escola da comunidade

são construções em madeira, cobertas com telhas de barro ou amianto, erguidas sobre palafitas e distante, aproximadamente 30 metros umas das outras. Não existia energia elétrica e a água consumida era comprada em garrações na capital.

O bairro urbano localiza-se na periferia de Belém/BR, com casas construídas com tijolo e/ou madeira, em um espaço minimamente amparado pela estrutura básica, no que diz respeito aos serviços de saneamento ambiental, tais como coleta regular de lixo e água encanada. A escola, situada neste contexto, apresentava carência em serviços diversos, como no fornecimento de merenda.

Instrumentos

Inventário Sociodemográfico - ISD (Mendes, Pontes, Silva, Bucher-Maluschke, Reis, & Baia-Silva, 2008): envolvia questões sociodemográficas acerca das famílias, como questões gerais acerca da escolaridade, ocupação dos familiares e da renda familiar.

Entrevista semiestruturada: composta de duas questões, a saber: “Como você imagina a vida dos seus filhos daqui a 10 anos?” e “Por que você quer que seus filhos frequentem a escola?” A primeira questão avalia as metas parentais para os filhos e filhas e a segunda envolve a percepção destes responsáveis a respeito da importância da escola para o alcance das metas traçadas. Esta segunda questão foi formulada com o objetivo de explorar a percepção dos pais e mães acerca da escola uma vez que esta é considerada pelo PBF como o contexto que possibilitará um salto qualitativo na vida das próximas gerações.

Procedimento de coleta de dados

Realizou-se contato com as famílias participantes por meio das escolas. Na população ribeirinha, obteve-se com a unidade pedagógica a lista dos alunos favorecidos com o PBF e, neste contexto, todas as crianças matriculadas recebiam o benefício. As visitas eram previamente agendadas e o instrumento era aplicado com os responsáveis em suas residências. Já no bairro periférico, as abordagens aos responsáveis aconteciam no pátio da escola, no momento em que estes deixavam ou buscavam as crianças.

Antes da coleta dos dados, os participantes eram informados acerca do objetivo da pesquisa e orientados acerca do sigilo de suas respostas. Após esclarecimento de todas as possíveis dúvidas, os mesmos assinavam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, integrante do projeto previamente aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal do Pará, sob registro nº 203/10.

Em ambos os contextos, o Inventário Sociodemográfico era respondido pelo pai ou mãe, desde que convivesse com a criança; na maioria dos casos, o respondente estava acompanhado da

criança no momento da resposta. Para as questões subjetivas, era feito registro cursivo *ipsis litteris* imediatamente após a emissão da resposta por parte dos familiares.

Procedimento de análise

Dados Quantitativos

Os dados do Inventário Sociodemográfico foram analisados por meio de estatística descritiva, por exemplo, com o levantamento da frequência e média.

Dados Qualitativos

As perguntas da entrevista foram analisadas distintamente. A primeira foi realizada de acordo com a categorização proposta por Miller e Harwood (2001) em seu estudo acerca das metas de socialização e criação de rede de suporte social em crianças, em que utilizaram uma entrevista semiestruturada com as mães. A tradução das categorias foi realizada por uma equipe de pesquisadores coordenada pela Professora Doutora Maria Lucia Seidl de Moura (Moinhos, Lordelo, & Seidl-de-Moura, 2007), caracterizando-se por serem mutuamente exclusivas: 1) *Autoaperfeiçoamento* – preocupação com que a criança se torne autoconfiante e independente, e que desenvolva totalmente seus talentos e capacidades como indivíduo; 2) *Autocontrole* – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de controlar os impulsos negativos de ganância, agressão e egocentrismo; 3) *Emotividade* – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade para intimidade emocional com outros e que seja amada; 4) *Expectativas sociais* – preocupação com que a criança atenda às expectativas sociais de ser trabalhador, honesto e seguidor das leis, quando adulto; 5) *Bom comportamento* – preocupação com que a criança se comporte bem, se dê bem com os outros, e desempenhe bem papéis esperados, especialmente em relação à família.

As respostas que se enquadram nas categorias de *Autoaperfeiçoamento* e *Autocontrole* são consideradas como parte de uma trajetória de desenvolvimento que valoriza a independência e a autonomia. As metas das categorias de *Emotividade*, *Expectativas Sociais* e *Bom Comportamento* são consideradas sociocêntricas (Moinhos, Lordelo, & Seidl de Moura, 2007). Além destas, criou-se a categoria *outros*, uma vez que algumas respostas dos participantes não puderam ser classificadas no sistema de Miller e Harwood (2001).

As respostas à segunda pergunta, por sua vez, foram organizadas de acordo com a análise de conteúdo fundamentada em Bardin (1977). Este método foi selecionado por permitir acessar, com qualidade, as características mais particulares do conteúdo, relacionando-os com os contextos ribeirinho e urbano investigados. Neste

procedimento, foram estabelecidos três eixos temáticos: (1) Futuro acadêmico e profissional, que engloba as subcategorias *Educação*, *Trabalho e Aprender a ser alguém na vida*; (2) Bem estar, satisfação e caráter, com as subcategorias *Bom futuro*, *Que sejam felizes*, *Satisfação*, *Bem estar e Bom caráter*; e (3) Superação da condição de pobreza.

Resultados e discussão

Características Sociodemográficas das famílias

Dentre os participantes, 16 famílias viviam em contexto ribeirinho. As residências eram, prevalentemente, de madeira, com três cômodos: quarto, sala e cozinha. A maioria dos pais e mães (65%) não completou o Ensino Fundamental, talvez, devido às escolas que atendem a comunidade oferecerem apenas ensino das séries iniciais, isto é, até a 4ª série.

A prática extrativista foi predominante (64%) dentre os pais ribeirinhos, com coleta de açaí, cacau e palmito. Com menor frequência, eram desenvolvidas também outras atividades, por exemplo, as práticas de pesca, agricultura e carpintaria. Entre as mães, havia predominantemente a dedicação com as atividades do lar (60%), mas também houve relatos das ocupações de diarista, garçonete e extrativista.

Considerando o valor de R\$540,00 como piso salarial na época da coleta de dados, 71% de tais grupos relataram sobreviver com renda *per capita* de até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo, 21% com renda em torno de $\frac{1}{2}$ salário mínimo e 8% não responderam. Como beneficiários do PBF, os responsáveis relataram ter utilizado o valor recebido no mês anterior, principalmente, para a compra de material escolar e vestuário.

No centro urbano, houve a participação de 22 famílias. Prevalentemente, as casas eram de alvenaria, com três cômodos: sala, quarto e cozinha. Quanto à escolaridade, a maior parte das mães (55 %) chegou ao ensino médio, embora muitas (58%) não o tenham concluído. Por outro lado, a maioria dos pais (54%) pararam os estudos no ensino fundamental.

Uma variedade de funções foi levantada para os homens deste contexto, tais como: motorista de ônibus; estivador; e vigilante. Porém as atividades autônomas (50%) prevaleceram, como: pedreiro; taxista; e pintor. As mulheres, por sua vez, eram prevalentemente donas de casa (39%), mas também foram mencionadas, embora com baixa frequência, as profissões: autônoma; estudante; e recepcionista.

Em relação à renda *per capita* mensal, 46% das famílias investigadas relataram obter valores de até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo na época da coleta de dados; 24% relataram viver com renda de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo; 15% em torno de um salário e 15% não responderam. Como beneficiários do PBF, as famílias destacaram ter usado o valor recebido no

mês anterior, principalmente, com alimentos, material escolar e pagamento de contas.

Metas de socialização

Na tabela 1, pode-se verificar que as categorias mais importantes para a amostra total foram *Autoaperfeiçoamento* (65,52%) e *Expectativas Sociais* (12,06%). Ao comparar os resultados dos dois ambientes, é possível observar que há um predomínio da categoria

Autoaperfeiçoamento (62,5% entre familiares do contexto urbano e 69,23% entre familiares ribeirinhos). Dados semelhantes foram encontrados na pesquisa de mães de contexto urbano e não urbano pesquisadas por Silva (2008), cujos resultados mostram maior valorização das metas de autoaperfeiçoamento em ambos os ambientes.

Tabella 1: *Frequência e percentuais das metas parentais por contexto*

Metas	Urbano		Ribeirinho		Total	
	f	%	f	%	f	%
Autoaperfeiçoamento	20	62,5	18	69,23	38	65,52
Expectativas sociais	3	9,37	4	15,38	7	12,06
Bom comportamento	3	9,37	1	3,85	4	6,9
Emotividade	3	9,37	1	3,85	4	6,9
Auto controle	1	3,13	0	0	1	1,72
Outros	2	6,26	2	7,69	4	6,9
Total	32	100	26	100	58	100

Verificou-se que as *Expectativas Sociais* representaram a segunda categoria mais citada em ambiente ribeirinho (15%). Dentre as expectativas sociais que os familiares ribeirinhos revelaram, pode-se citar o desejo de que os filhos e filhas fiquem distantes das drogas e que se mudem para um ambiente urbanizado no futuro. A preocupação com a violência social, representada pelo desejo de afastamento das drogas, foi encontrada em familiares de diferentes ocupações e escolaridades, o que pode representar um desejo comum entre as famílias ribeirinhas investigadas.

Embora tal anseio não tenha sido mencionado de forma específica no contexto urbano, familiares deste ambiente demonstraram, de forma geral, metas relacionadas ao autocontrole (Tabela 1). Assim, uma das mães, quando questionada a respeito do que espera para a vida dos filhos no futuro, afirmou: “*Que seja boa, que não aprontem nada*” (Maria, urb.). Verifica-se, dessa forma, que a vulnerabilidade frente à situação de violência faz parte da vida de diferentes populações e ameaça o bem estar das pessoas, especialmente, das que vivem em condições de pobreza. Dado semelhante foi encontrado por Bornholdt, Wagner e Staudt (2007), pois os participantes também mostraram preocupação com o futuro dos filhos frente à situação de violência social.

No caso de familiares ribeirinhos, apesar do temor quanto ao envolvimento dos filhos e filhas com drogas, houve a expectativa de que estes morem no centro de Belém: “(imagino meu filho)

morando em Belém, estudando. Fazer cursos, trabalhar” (Antônia, rib.); “*Queria que ele fosse morar e trabalhar em Belém*” (Carla, rib.). A princípio, o desejo de migração para um ambiente mais urbanizado parece contraditório, já que há, em centros urbanos, uma maior distribuição de drogas (Procópio Filho & Vaz, 1997). Por outro lado, há também nestes locais maiores oportunidades acadêmicas e profissionais, contrastando com as diversas dificuldades que os pais e mães do contexto ribeirinho enfrentam nas áreas de saúde, educação, moradia, oportunidades de trabalho, etc.

Nestes termos, as expectativas por melhores oportunidades educacionais e profissionais encontradas no ambiente urbanizado parecem sobrepor os temores em relação aos riscos que ameaçam o desenvolvimento de crianças e jovens residentes deste contexto. Com efeito, os familiares ribeirinhos são atraídos aos ambientes urbanizados, provavelmente, por acreditarem que educação e emprego são medidas de proteção contra a violência social, aspecto também mencionado nas expectativas de migração investigadas por Martins (2004/2005) e Rebouças (2001).

Complementarmente, em ambiente urbano, foi encontrada a mesma frequência de metas de *Expectativas Sociais* nas categorias de *Bom comportamento* e *Emotividade* (9,37%). Estes dados, talvez, revelem que os pais e mães deste contexto dão a mesma importância para estas três metas, visando um futuro que também inclui aspectos sociocêntricos, isto é, com a construção do

self fundamentalmente ligado a outros seres, como a ênfase no respeito, pertencimento a grupo ou coletividade (Moinhos, Lordelo, & Seidl-de-Moura, 2007). Como exemplo, seguem os seguintes relatos: “(desejo) o melhor, que cresçam e formem, respeitem, e tenham boa índole” (Dina, urb.); “(desejo uma vida) boa! Tenha família, estude para ter um futuro, termine os estudos” (Silvia, urb.); e “*entrando, cursando uma faculdade, como vocês, sendo uma pessoa de bem*” (Luiz, urb.).

Por sua vez, entre os pais e mães ribeirinhos, as metas sociocêntricas foram menos expressivas para as categorias de *Bom comportamento* e de *Emotividade* (ver figura 1). Estes dados revelam a predominância de metas de independência, como autonomia, autoestima e felicidade, o que contrasta com a tendência de valorização do grupo social identificadas em comunidades rurais brasileiras (Kobarg & Vieira, 2008; Ruela & Seidl de Moura, 2007).

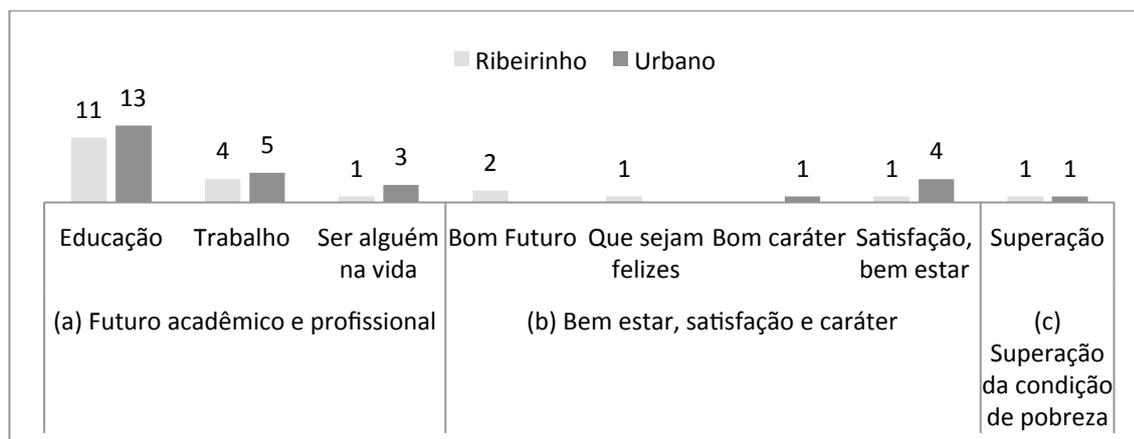
Na categoria *Outros*, verificou-se que nos ambientes urbano e ribeirinho, obteve-se 6,26% e 7,69%, respectivamente, de metas que não se

enquadram nas propostas de Miller e Harwood (2001). Isto ocorre, por exemplo, nos seguintes relatos: “(Espero que seja) *parecida com a mãe, estressadinha e intransigente*” (Lúcio, rib.); “*nós pais queremos o melhor pros nossos filhos. Assim, muitas vezes a gente educa de um jeito, mas eles acabam aprendendo outras coisas*” (Carlos, urb.).

Diante das metas elucidadas pelos familiares dos contextos urbano e ribeirinho, buscou-se conhecer a importância da escola como estratégia de investimento no futuro. Considerando que todas as famílias investigadas participam do PBF e, por isso, devem cumprir com exigência de educação, perguntou-se as expectativas parentais acerca da escola. Os resultados serão apresentados a seguir.

Expectativas acerca da escola

As expectativas dos pais e mães dos contextos urbano e ribeirinho acerca da escola foram organizadas em três categorias: **(a) Futuro acadêmico e profissional;** **(b) Bem estar, satisfação e caráter;** e **(c) Superação econômica.** Cada uma abrange subcategorias, cuja frequência e descrição podem ser visualizadas na Figura 1.



Inserir Figura 1 aqui

Figura 1: Expectativas de pais e mães que vivem nos contextos ribeirinho e urbano sobre a escola.

A categoria “Futuro acadêmico e profissional” se refere às expectativas parentais em relação à continuidade dos estudos e aquisição de emprego para suas crianças, englobando as subcategorias de *Educação*, *Trabalho* e *Aprender a ser alguém na vida*. Os pais e mães dos contextos urbano e ribeirinho mencionaram, como principal expectativa, um futuro para filhos associado à vida acadêmica (ver Figura 1). O desejo que os filhos permaneçam, no início da vida adulta, em processo de educação parece estar relacionado ao desejo que tenham uma formação acadêmica e melhores condições de vida: “*espero muita coisa diferente, estudando mais a fundo para ele ter algo melhor,*

que chegue à universidade” (Ana, rib.); “(Espero que) *já esteja cursando faculdade. Enquanto eu puder, que ela só estude, que tenha uma formação*” (Vilma, urb.).

Tais resultados mostram que, para os familiares, a escola se apresenta como um componente facilitador da ascensão social. Assim, concordam com os resultados de Ferreira Salles (1998), que ressaltam o estudo como esperança para a realização de projetos de vida e garantia de futuro estável, isto é, com possibilidade de boa situação financeira e status social. Nestes termos, o estudo liga-se com a possibilidade de ter no futuro qualidade de vida, mediada pelo exercício de uma profissão, como afirmam Paredes e Pecora (2004).

Complementarmente ao futuro acadêmico, a vida profissional também foi destacada pelos participantes. Em ambiente ribeirinho, os pais e mães elucidaram o desejo de que seus filhos tivessem as profissões de professor, médico e policial: “*eu espero que ela vai ser professora, ela adora ler. O que vocês falarem para ela, ela entende. Eu fico pensando... nessa idade... ela é tão bem entendida*” (Rose, rib.). Em ambiente urbano foram levantadas as profissões de médico, advogado, jogador de futebol: “(espero) *tudo do bom e do melhor, que eles se formem do que eles querem: o menino médico e a menina advogada*” (João, urb.).

As profissões almeçadas são valorizadas e ocupam status social de destaque na cultura de ambos os contextos, diferentemente das ocupações dos jovens pesquisados por Raitz e Petters (2008), que apresentam o trabalho informal e o subemprego de baixa remuneração, resultantes da falta de oportunidade de ingresso no mercado de trabalho. O contraste entre estes dados talvez ocorra devido serem pesquisas que partem de diferentes perspectivas: jovens e familiares. Os primeiros, ao sentirem as pressões do mercado de trabalho, apresentaram uma visão realista de futuro, como a presença de obstáculos e desafios relacionados à vida profissional. Os segundos, por sua vez, demonstraram uma expectativa mais idealizada para seus filhos, talvez por estes ainda estarem vivendo o período da infância.

As expectativas parentais de vida acadêmica próspera e realização profissional, por outro lado, concordam com os achados de Santos (2002), acerca do trabalho e a formação acadêmica serem componentes de autorrealização das representações sociais no tempo futuro. Elas também remetem aos dados de Nascimento (2002) que salienta o estudo e trabalho como forma de ascensão e inclusão social, aliados na construção de projetos de vida.

(b) Bem estar, satisfação e caráter

Esta categoria se refere às expectativas parentais de que, no futuro, suas crianças sejam felizes, com caráter e bons níveis de bem estar e satisfação pessoal. Envolve as subcategorias de *Bom futuro*, *Que sejam felizes*, *Satisfação*, *Bem estar* e *Bom caráter*. Em ambos os contextos foram levantadas as perspectivas de que os filhos e filhas tenham bem estar, o que pode ser representado pela satisfação de ter boa educação: “*vida feliz, estudos concluídos, faculdade*” (Sueli, urb.); “*Vai depender dela. Quero fazer o máximo possível para que ela tenha o melhor. Pelo que ela fala, ela quer estudar e ter as coisas dela. Eu quero que seja assim*” (Rute, rib.). Este resultado confirma que uma vida feliz está entre os principais elementos desejados, ao lado do estudo, saúde e profissão, descritos por Paredes e Pecora (2004); Piccinini, Ferrari, Levandowski, Nardi, & Lopes (2003).

Em um olhar mais refinado para os contextos, percebeu-se que o ambiente urbano revelou a expectativa de que as crianças frequentem a escola para terem bom caráter, – “*para serem uma pessoa boa quando crescerem*” (Mariana, urb.); “*para terem um bom ensino e serem uma boa pessoa*” (Zilda, urb.); “(espero) *o melhor, cresçam e formem, respeitem, e tenham boa índole*” (Telma, urb.). Este anseio de bom caráter, de forma geral, parece ultrapassar as falas relacionadas à sobrevivência abordadas nas expectativas anteriores, pois contempla uma dimensão ética do desenvolvimento. Portanto, apesar da pobreza que marca o contexto urbano, os pais e mães que aí vivem parecem estar próximos de um conjunto de representações, objetos e símbolos que desenvolvem nas famílias desejos que extrapolam as necessidades imediatas, como as dificuldades financeiras.

Por sua vez, tais necessidades mais pontuais estiveram presentes de forma exclusiva nos relatos de familiares do contexto ribeirinho, uma vez que suas expectativas foram específicas às questões de sobrevivência. Isso, porém, não significa que estes pais e mães sejam desprovidos de expectativas relacionadas aos aspectos éticos do desenvolvimento, mas talvez demonstre que as pessoas que vivem neste ambiente possuem necessidades mais pontuais de subsistência.

(c) Superação da condição de pobreza

Esta categoria se refere às expectativas parentais de que no futuro as crianças superem a condição de pobreza da família. Além do anseio de superação da situação familiar, houve o desejo de um retorno de investimento, isto é, que os filhos lhes ajudem financeiramente: “(Espero) *que tenham um emprego que desse para sobreviver, sustentar a família, e ter tudo o que não tive: casa, carro, morar na cidade*” (Eliana, rib.); “*eu tinha muita vontade de escrever, eu quero que eles aprendam a ler, escrever, quero que sejam médicos, professores, é uma coisa que eu não fui, feliz*” (Bete, rib.); “(espero que eles sejam) *estudantes, meninos que ajudem financeiramente*” (Fábio, urb.).

A presença da perspectiva de superação e investimento pessoal é descrita por Yamamoto e Holloway (2010) como de grande importância, uma vez que influencia na trajetória acadêmica das crianças, aumentando suas motivações e crenças de competência. Dessa forma, trata-se de anseios essenciais na construção de uma vida acadêmica de sucesso, o que pode repercutir na superação econômica e, de modo geral, no desenvolvimento.

Além disso, tais expectativas são coerentes com os objetivos do PBF, especialmente os referentes à emancipação das famílias beneficiárias. Este alvo do programa está fundamentado nas condicionalidades, em especial a de educação, de forma que o entendimento e participação familiar

são necessários. Portanto, havendo perspectivas comuns entre beneficiários e o programa, obtém-se parceria na condução de estratégias de investimento atuais, como o cumprimento das condicionalidades, visando o alvo de futura superação da situação de vulnerabilidade ora vivida.

Considerações finais

É consenso que o desenvolvimento de muitas crianças e jovens no Brasil está ameaçado pela pobreza. Considerando os riscos conferidos por esta situação de vulnerabilidade, pais e mães brasileiros têm apresentado diferentes metas de socialização, dependendo de variáveis, como escolaridade materna, local de residência, fluência verbal, e outros (Moinhos, Lordelo, & Seidl-de-Moura, 2007; Seidl-de-Moura et al., 2008; Silva, 2008).

Nesta pesquisa, foram analisadas as metas de socialização e as expectativas de familiares beneficiários do PBF acerca da escola, em ambientes urbano e ribeirinho da Amazônia. Verificou-se que pais e mães de ambos os contextos têm suas principais metas relacionadas ao *Autoaperfeiçoamento*. Além desta, em ambiente ribeirinho, as metas relacionadas às *Expectativas Sociais* elucidaram o desejo de que as crianças fiquem distanciadas das drogas e que se mudem para um ambiente urbanizado no futuro. Apesar de parecer contraditório, o acesso a melhores oportunidades educacionais e profissionais existentes em ambientes urbanizados podem ser fatores de proteção contra a ameaça das drogas. Porém, há de se destacar que tais contextos também apresentam expressivo nível de violência social, o que surpreende o fato de não ter sido mencionado nas expectativas de pais que aí vivem a preocupação com a violência.

Por sua vez, as expectativas acerca da escola evidenciaram, principalmente, um desejo de que tal instituição possa favorecer um futuro para os filhos associado à vida acadêmica. A continuidade dos estudos seria a condição para uma vida profissional de sucesso, com o exercício de profissões de elevado status social. Além disso, familiares de ambos os contextos almejam que a escola favoreça um futuro bem estar para os filhos e filhas, o que pode ser representado pela satisfação de ter boa educação.

Frente aos dados encontrados, consideram-se as recomendações de Yamamoto e Holloway (2010). Para estes autores, as expectativas parentais não devem ser desconhecidas pelos filhos, isto é, devem ser comunicadas e aceitas por eles para que tenham efeito em seus processos internos. Desta forma, a partir do conhecimento e relevância das expectativas de mães e pais, existe a necessidade de ações que reforcem a importância da comunicação entre membros familiares, o que pode ocorrer por meio da escola ou programas complementares, por

exemplo. Tais suportes, também, poderiam ajudar os genitores dotados de expectativas não realistas, uma vez que estes podem ter dificuldades de maximizar o potencial acadêmico de seus filhos.

Salienta-se que os resultados obtidos neste trabalho limitam-se às respectivas amostras utilizadas. Outra limitação diz respeito aos instrumentos utilizados no contexto ribeirinho investigado. De acordo com Silva, Santos, Pontes e Bucher-Maluschke (2011), o desenvolvimento de um estudo que descreva as relações familiares e as associe ao desenvolvimento de comunidades, como a ribeirinha, não é uma tarefa fácil em termos metodológicos, devido à prevalência de instrumentos que não consideram as peculiaridades do contexto ribeirinho.

Para futuras pesquisas, sugere-se a condução de estudos longitudinais, que investiguem as expectativas de famílias antes e depois de tornarem-se beneficiárias. Desta forma, seria possível conhecer o valor motivacional do PBF para elevar expectativas entre seus beneficiários de contextos urbanos e ribeirinhos da Amazônia, destacando suas influências sobre o desenvolvimento.

Referências

- Aznar-Farias, M., & Oliveira-Monteiro N. R. (2006). Reflexões sobre Pró-socialidade, Resiliência e Psicologia Positiva. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2(2), 39-46.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Caixa Econômica Federal (2011). Retirado de http://www.caixa.gov.br/voce/social/transferecia/bolsa_familia/index.asp.
- Cleary, D. (1993). After the Frontier: problems with political economy in the modern Brazilian Amazon. *Journal of Latin American Studies*, 25 (2), 331-349.
- Ferreira Salles, L. M. (1998). *Adolescência, escola e cotidiano; contradições entre o genérico e o particular*. Piracicaba: UNIMEP.
- Fraxe, T. J. P.; Witkoski, A. C., & Miguez, S. F. (2009). O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. *Ciência e Cultura*, 61(3), 30-32.
- Kagitcibasi, Ç. (2007). *Family, self, and human development across cultures: Theory and applications*. Mahwah: Lawrence Erlbaum.
- Keller, H., Borke, J., Yovsi, R., Lohaus, A. & Jensen, H. (2005). Cultural orientations and historical changes as predictors of parenting behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 29 (3), 229-237.
- Kobarg, A. P. R., & Viera, M. L (2008). Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (3), 401-408.
- Kobarg, A. P. R., Sachetti, V. A. R., & Viera, M. L. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16 (2), 96-102.
- Martins, J. S. (2004-2005). Cultura e educação na roça, encontros e desencontros. In: São Paulo. *Revista USP*, 1(64), 28-49.
- Meirelles Filho, J. (2004). *O livro de ouro da Amazônia: mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do Planeta*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Mendes, L. S. A., Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C., Bucher-Maluschke, J. S. N. F., Reis, D.C., & Baía-Silva, S.D. (2008). Inserção ecológica no contexto de uma comunidade ribeirinha amazônica. *Revista interamericana de psicologia*, 42(1), 1-10.
- Miller, A. M, & Harwood, R. L. (2001). Long-term socialization goals and the construction of infants' social networks among middle class Anglo and Puerto Rican mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 25 (5), 450-457.
- Moinhos, M. V. C., Lordelo, E. R., & Seidl De Moura, M. L. (2007). Metas de socialização de mães baianas de diferentes contextos socioeconômicos. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17 (1), 114-125.
- Mújica, A. D., Villalobos, M. V. P., & Cabrera, P. M. (2009). Expectativas Educativas hacia Hijos e Hijas en una Escuela Rural de Alto Desempeño. *Revista Interamericana de Psicología*, 43(3), 442-448.
- Nascimento, I. P. (2002). *As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Nugent, S. (1993). *Amazonian caboclo society: an essay on invisibility and peasant economy*. Providence: Berg Publishers.
- Paredes, E. C., & Pecora, A. R. (2004). Questionando o futuro: As representações sociais de jovens estudantes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(spe), 49-65.
- Pearce, R. R. (2006). Effects of cultural and social structural factors on the achievement of white and Chinese American students at school transition points. *American Educational Research Journal*, 43(1), 75-101.
- Piccinini, C. A., Ferrari, A. G., Levandowski, D. C., Nardi, T. C., & Lopes. R. S. (2003). O Bebê Imaginário e as Expectativas quanto ao Futuro do Filho em Gestantes Adolescentes e Adultas. *Interações*, 8(16), 81-108.
- Procópio Filho, A., & Vaz, A. C. (1997). O Brasil no contexto do narcotráfico internacional. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 40(1), 75-122.
- Raitz, T. R., & Petters, L. C. F. (2008). Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 408-416.
- Rebouças, A. C. (2001). Água e desenvolvimento rural. *Estudos Avançados*, 15(43), 327-344.
- Ribas Jr., R. C., Seidl de Moura, M., & Bornstein, M. H. (2007). Cognições maternas acerca da maternidade e do desenvolvimento humano: uma contribuição ao estudo da psicologia parental. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(1), 104-113.
- Ruela, S. F. (2006). *Um estudo intergeracional de crenças valorizadas por mães em uma comunidade rural do estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado.

- Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Santos, M. I. (2002). *Projetos de vida e perspectivas futuras: um estudo sobre as representações sociais do tempo futuro presentes nos projetos de vida dos jovens*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Seidl-De-Moura, M. L., Lordelo, E., Vieira, M. L., Piccinnini, C. A., Siqueira, J. De O., Magalhães, C. M. C., et al. (2008). Brazilian mothers' socialization goals: Intracultural differences in seven Brazilian cities. *International Journal of Behavioral Development, 32*(6), 465-472.
- Silva, R. A. (2008). *Cognições parentais: crenças, metas e estratégias de socialização de mães primíparas*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém.
- Silva, S. S. C. (2006). *Estrutura e dinâmica das relações familiares de uma comunidade ribeirinha da região amazônica*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Silva, S. S. C., Santos, T. M., Pontes, F. A. R., & Bucher-Maluschke, J. (2011). Avaliação de famílias ribeirinhas: Uma proposta adaptada ao contexto. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 4*(2), 253-263.
- Vieira, M. L., Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E., Piccinini, C., Martins, G. D. F., Macarini, S. M., Et Al. (2010). Mother's beliefs about childrearing practices in seven Brazilian cities. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 41*(2), 195-211.
- Yamamoto, Y., & Holloway, S. D. (2010). Parental expectations and children's academic performance in sociocultural context. *Educational Psychology Review, 22*(3), 189-214.

Received: 20/03/2013

Accepted: 04/10/2014